

## LETRAMENTO LITERÁRIO: UMA FERRAMENTA PEDAGÓGICA DE HUMANIZAÇÃO

VITÓRIA RIBEIRO NASCIMENTO<sup>1</sup>; HELENA COLMAN PAIS<sup>2</sup>; ROSANGELA KARPINSKI ODORIZZI<sup>3</sup>; IVANA KIRST LOPES<sup>4</sup>; ROSE ADRIANA ANDRADE DE MIRANDA<sup>5</sup>

HELOISA HELENA DUVAL DE AZEVEDO<sup>6</sup>:

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [vitnasc@gmail.com](mailto:vitnasc@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [hcolmanp@gmail.com](mailto:hcolmanp@gmail.com)

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – [karpinskiodorizzirosangela@gmail.com](mailto:karpinskiodorizzirosangela@gmail.com)

<sup>4</sup>Universidade Federal de Pelotas – [ivanaklopes@gmail.com](mailto:ivanaklopes@gmail.com)

<sup>5</sup>Universidade Federal de Pelotas – [rosemiranda.estagioufpel@gmail.com](mailto:rosemiranda.estagioufpel@gmail.com)

<sup>6</sup>Universidade Federal de Pelotas – [profa.heloisa.duval@gmail.com](mailto:profa.heloisa.duval@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

O seguinte trabalho objetiva discutir o conceito de Letramento Literário e seu uso enquanto ferramenta de humanização e conscientização social e política de alunos na Educação de Jovens e Adultos (EJA), a partir das observações e práticas vivenciadas em uma turma de EJA, vinculada ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) do curso de Pedagogia, UFPel.

A abordagem teórica se fundamenta nas contribuições de COSSON (2006), que aborda o conceito de letramento literário e a importância da leitura na formação do indivíduo, e FREIRE (1970; 1989), o qual discute o papel indispensável da leitura na criação de indivíduos capazes de se posicionarem e participarem ativamente da construção da própria história.

Compreende-se que os alunos da EJA representam uma parcela da sociedade que teve seu acesso à Educação impedido por questões sociais, econômicas e estruturais. Em vista disso, trabalhar com essa modalidade de ensino exige uma grande responsabilidade para com a bagagem pessoal e social de cada estudante. Ao utilizar a literatura como incentivador para discussões e reflexões, é possível demonstrar que as experiências dos alunos não existem em um vácuo, e que eles não estão sozinhos em suas aflições, histórias de vida e visões de mundo.

Garantir a possibilidade dos alunos se relacionarem com as temáticas abordadas em sala de aula torna-se parte indispensável do desenvolvimento de uma Pedagogia mais humana, uma Pedagogia que humaniza e garante a inserção dos alunos orientados no meio social e nos espaços de discussão acerca de pautas e temáticas que os dizem respeito.

### 2. ATIVIDADES REALIZADAS

A construção deste trabalho deu-se a partir das coletas de dados (observações e anotações) ocorridas durante as idas à Escola Municipal Bibiano de Almeida, vinculada ao PIBID subprojeto Letramento Literário na EJA e Anos Iniciais, área Alfabetização, núcleo EJA, empregando-se uma abordagem qualitativa interligada à pesquisa participante. De acordo com SEVERINO (2013), a pesquisa participante “é aquela em que o pesquisador, para realizar a observação dos fenômenos, compartilha a vivência dos sujeitos pesquisados,

participando, de forma sistemática e permanente, ao longo do tempo da pesquisa, das suas atividades” (SEVERINO, 2013, p. 104).

No Núcleo EJA, pertencente ao PIBID Letramento Literário do curso de Pedagogia, da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), desenvolve-se com a turma de EJA - Anos Iniciais, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Bibiano de Almeida, trabalhos voltados para a leitura e reflexão de livros. Sendo a proposta central as Horas do Conto, que são encontros semanais realizados na biblioteca da escola, em que desenvolvia-se uma leitura coletiva e guiada a partir de livros selecionados pelas integrantes do Núcleo EJA, com o objetivo de promover o letramento literário.

O conceito de Letramento Literário refere-se ao uso social da língua, ou seja, da interpretação e uso da língua escrita para além da simples decodificação de símbolos escritos. Conforme COSSON (2006), “a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, [...] porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem” (COSSON, 2006, p. 30). Compreende-se que o Letramento Literário possibilita ao leitor desenvolver conexões reais com o que lê, e implica a percepção das relações entre texto e contexto, seja contexto social, econômico, político ou cultural.

Diante disso, a Hora do Conto consistia em duas etapas, sendo elas a leitura deleite coletiva e a reflexão do livro em roda de conversa. A leitura deleite era a primeira etapa da dinâmica, a qual priorizava-se o uso do espaço da biblioteca a fim de familiarizar os estudantes com o ambiente e incentivar que a frequentassem com mais constância, e a organização dos alunos em um círculo, propiciando que todos conseguissem se enxergar e interagir entre si. Ao final da partilha da narrativa, avançávamos para a etapa seguinte, a roda de conversa.

Neste segundo momento, deixávamos o espaço aberto para que os alunos compartilhassem suas opiniões e reflexões sobre a história que ouviram, assim como para que compartilhassem experiências pessoais que dialogassem com os tópicos presentes. Sendo positivamente impactadas pela facilidade e naturalidade com as quais os estudantes da EJA interagiam com os livros, demonstrando grande interesse em discutir certas temáticas, principalmente aquelas que sentem na pele em seus cotidianos.

A Hora do Conto evidenciou a grande bagagem social carregada pelos estudantes da EJA, ao discutirmos determinados temas percebeu-se, incorporado em suas falas, suas experiências de vida, seus valores e percepções de mundo, os quais, em grande parte, são conhecimentos despercebidos e esquecidos pela sociedade. Conforme FREIRE (1989),

as palavras com que organizar o programa da alfabetização deveriam vir do universo vocabular dos grupos populares, expressando a sua real linguagem, os seus anseios, as suas inquietações, as suas reivindicações, os seus sonhos. Deveriam vir carregadas da significação de sua experiência existencial e não da experiência do educador (FREIRE, 1989, p. 13).

Portanto, para a construção da Hora do Conto, a escolha dos livros passava por reflexões acerca do que os tópicos abordados na narrativa poderiam oferecer para os estudantes em termos de reflexão e potencial para diálogos e debates, de que maneira esses temas poderiam interligarem-se ao seu cotidiano e a seus conhecimentos prévios, objetivando desenvolver um momento de reflexão pertencente a todos. Questões sociais e políticas como racismo

ambiental, guerras e conflitos políticos, sustentabilidade, violência, marginalização e questões trabalhistas podem ser citados como algumas das temáticas levantadas para reflexão a partir de leituras como “A Menina que Engoliu o Mundo”, do autor Fê, e “De Quem tem Medo o Lobo Mau”, de Silvana Menezes.

Quando falamos de humanização em um contexto de atuação pedagógica, estamos falando da proposta de colocar o ser humano, com toda sua história e complexidade, no centro do ensino e da aprendizagem. Humanizar é reconhecer que um aluno não deixa de ser um indivíduo no momento em que pisa em um espaço de ensino e que, este ensino deve ser voltado ao seu desenvolvimento amplo enquanto cidadão inserido em uma realidade social, econômica e política. É uma resposta direta à visão mecanicista e tradicional da educação neoliberal, que visa construir mão de obra e não seres políticos capazes de questionar seus entornos.

A simples ação de nos retirarmos, enquanto professoras, do papel de protagonistas ou portadoras da verdade em contextos de aprendizagem, permitindo que os alunos guiem as discussões e alinhem suas próprias vivências às temáticas e conteúdos trabalhados já enfraquece a noção de uma Educação que domestica ao invés de emancipar. E, ao trabalhar nesta postura pedagógica com estudantes da EJA, percebemos quase de forma instantânea uma elevação da autoestima e da sensação de pertencimento ao espaço de conhecimento. Em *Pedagogia do Oprimido*, FREIRE (1970) defende:

Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de estar sendo com as liberdades e não contra elas. Já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo [...] (FREIRE, 1970. p.39)

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir das experiências vivenciadas pelas participantes do PIBID, Núcleo EJA, percebe-se a importância da fundamentação teórica para a inserção no meio letrado e social por parte dos estudantes da EJA, pois através das leituras e de suas reflexões e aprendizados ao longo da alfabetização desenvolve-se a construções de saberes e diferentes percepções em relação à sociedade. Para COSSON (2006), “ler implica troca de sentidos não só entre o escritor e o leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultado de compartilhamento de visões de mundo entre os homens no tempo e espaço” (COSSON, 2006, p. 27).

Logo, percebe-se que os alunos da EJA, mesmo com todos os obstáculos socialmente impostos às suas formações, são conscientes das próprias opressões e aflições, apresentando interesse ao perceberem que suas demandas podem ser organizadas e compartilhadas. Ao trabalharmos temáticas como classe e trabalho, demonstraram reconhecimento das próprias vivências. Ao trabalharmos o conceito de racismo ambiental e abandono de regiões menos afortunadas pelo poder público, trouxeram seus relatos de experiências como as enchentes que assolaram a cidade de Pelotas/RS em 2024. Cada relato

enriquecia nossos diálogos e orientavam em direção a novas possibilidades pedagógicas.

Torna-se explícita a forma como o conhecimento, a capacidade de nomear fenômenos e algezes sociais, cria nos alunos um senso de comunidade, uma ferramenta de combate à solidão imposta pelo individualismo neoliberal. Quando utilizamos a literatura neste cenário não estamos apenas levantando tópicos de discussão, mas sim oferecendo aos alunos uma representação material e palpável do quanto suas histórias realmente importam e merecem serem contadas, combatemos a noção meritocrática e desonesta de que aquilo que enfrentam são problemas individuais, causados unicamente por suas próprias escolhas e não por estruturas políticas, econômicas e sociais que condenam determinados grupos à marginalização e ao desamparo.

Sendo assim, apenas através de uma abordagem pedagógica humana e de caráter emancipador é que podemos, de fato, apresentar a Educação enquanto ferramenta de transformação da ordem social. A mera transmissão de conhecimentos sozinha não altera a realidade, é necessário organizar e orientar a forma como os alunos se portam e reagem diante dos desafios que enfrentam ao pisar fora da sala de aula, lembrá-los de que o primeiro passo para qualquer transformação material é reconhecer estruturas de opressão e aprender a nomear fenômenos concretos, sem cair em discursos superficiais de transformação fácil ou desvios de culpa por parte daqueles que controlam as narrativas hegemônicas de sociedade.

#### 4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSSON, R. **Letramento Literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.